



APLICATIVOS MÓVEIS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Elinayara Jovelina da Silva RIBEIRO¹
 Kleiton de Souza BORGES²
 Manoel Jaci da Silva GONÇALVES³

Recebido: 25/06/2019

Aprovado: 26/08/2019

RESUMO:

Este trabalho pretende mostrar os resultados de uma pesquisa de campo a fim de identificar como os aplicativos móveis auxiliam no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua inglesa como forma de complementar o ensino na sala de aula. Estes aplicativos, por sua vez, são vinculados ou não à *Internet*, pelas quais são vistos como ferramentas auxiliares no processo de aprendizagem de língua inglesa em ambientes de ensino. Para tanto, esta pesquisa se caracteriza em um estudo de caso de abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com dois alunos da Universidade Federal do Pará (UFPA) do campus Marajó-Soure, os quais responderam a uma sequência de perguntas preestabelecidas para a coleta de dados e posteriormente serem analisadas. Como resultado, percebemos que as novas tecnologias, bem como o uso de aplicativos por meio de *smartphones*, têm sido utilizadas com muita frequência no âmbito universitário e fora dele, contribuindo de forma satisfatória na aquisição e desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. Isso se justifica pela facilidade da portabilidade destes aplicativos, contribuindo, assim, acessar conteúdos a qualquer hora e lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento digital. Autonomia na aprendizagem de inglês. Aplicativos móveis.

MOBILE APPLICATIONS AND THE PROCESS OF DEVELOPMENT OF AUTONOMY IN ENGLISH LANGUAGE LEARNING

ABSTRACT:

This paper aims to show the results of a field research in order to identify how mobile applications assist in development of autonomy in English language learning as a way to complement teaching in the classroom. These applications, in turn, are linked or not to the Internet, by which they are seen as ancillary tools in the process of learning English in teaching environments. Therefore, this research is characterized as a case study of a qualitative approach. Interviews were conducted with two students at Federal University of Pará (UFPA) from the Marajó-Soure campus, to which they answered a series of pre-established questions for data collection and then analyzed. As a result, we realize that new technologies, as well as the use of applications through smartphones, have been used very frequently in the university and outside it, contributing in a satisfactory way in the acquisition and development of autonomy in English language learning. This is justified by the ease of portability of these applications, thus contributing to access content at any time and place.

KEYWORDS: Digital literacy. Autonomy in English learning. Mobile applications.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Soure.

² Professor Auxiliar I de Língua Inglesa e Culturas Anglófonas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Soure. Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) UFPA.

³ Graduando do curso de Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Soure.

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço tecnológico é impossível viver preso ao passado, é preciso evoluir junto com o tempo e aprender a utilizar os recursos disponíveis hoje na era digital. Já que “entende-se como tecnologia o produto da ciência e da engenharia que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam à resolução de problemas” (MESQUITA, 2018, p. 36), ou seja, ao longo do desenvolvimento humano são criados instrumentos que visam à melhoria de vida em sociedade.

Como exemplo temos os celulares, *smartphones*, notebooks, entre outros equipamentos eletrônicos que se tornaram imprescindíveis por serem multifuncionais; com eles podemos realizar inúmeros procedimentos sem sair de casa, apenas com alguns cliques, possibilitando realizar transações bancárias, compras pela *Internet*, *downloads* de músicas, vídeos, documentos, bem como realizar pesquisas e estudos em várias áreas do conhecimento também.

Ao contrário de algumas décadas atrás, “a expansão das tecnologias da informação e comunicação vem transformando a vida em sociedade e alterando nossa relação com os textos” (ZACHARIAS, 2016, p. 23), o mundo está cada vez mais “digitalizado” e aprender com essas novas plataformas tem se tornado cada vez mais comum e necessário por estarmos literalmente rodeados com informações diversas em nossas mãos.

A aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) tem se tornado fundamental não só pela exigência do mercado de trabalho, mas também por interesses pessoais. Porém, o caminho a ser percorrido não é tão simples quanto parece, são necessárias algumas mudanças e atitudes para acelerar esse processo de aprendizagem, além daqueles métodos que vivenciamos em sala de aula. Hoje existem os aplicativos móveis, os quais estão disponíveis e que podem impulsionar a autonomia do aprendente de línguas, além de poder garantir bons resultados na aprendizagem de língua inglesa (LI).

Apresentamos a seguir alguns conceitos a respeito de letramento digital, autonomia e aplicativos móveis, os quais nortearão este estudo.

2. LETRAMENTO DIGITAL

Distintos autores definem o letramento de uma forma específica. Zacharias (2016, p. 17) diz que “ser letrado hoje não é garantia de que seremos letrados amanhã, uma vez que novas tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias”, isso significa dizer que a carta deu lugar ao *e-mail* e a leitura e escrita ganharam os espaços virtuais por meio de equipamentos eletrônicos, garantindo assim rapidez na forma como interagimos em



sociedade, e esta interação só é possível quando o usuário tem domínio dessas tecnologias, ou seja, é letrado digitalmente.

E em sala de aula não pode ser diferente. O professor também deve adotar a influência digital, visto que os alunos estão cada vez mais inteirados e conectados virtualmente, pois é necessário incluir no contexto escolar uma pedagogia que valorize e reconheça o universo multimidiático, como a habilidade de leitura de hipertextos e domínio dos gêneros de mídia (TV, *Internet*, celular) e multissemiótico, que são gêneros compostos por várias linguagens: verbal (oral e escrita), visual, sonora, corporal e digital, uma pedagogia que não se restrinja somente à cultura do impresso (ZACHARIAS, 2016. p. 20). Na atualidade, os celulares, assim como o computador com acesso a *Internet* e a TV digital, veiculam articulações entre imagens fotográficas e em movimento, textos audiovisuais, vídeos, textos escritos com *emotions*, entre tantas outras possibilidades. Diante do impacto sofrido pelas mudanças tecnológicas, Martin complementa que:

[...] o letramento digital envolve a capacidade de realizar ações digitais bem sucedidas como parte da vida [...]. Ele varia de acordo com a situação de vida de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que é um processo contínuo ao longo do desenvolvimento da vida. Envolve aquisição e utilização de conhecimentos, técnicas, atitudes e qualidades pessoais, e inclui a capacidade de planejar, executar e avaliar as ações digitais na solução de tarefas da vida, e a capacidade de refletir sobre o próprio desenvolvimento de seu letramento digital (MARTIN, 2005. p. 135 *apud* ROSA; DIAS, 2012. p. 33).

Alunos que têm controle sobre as tecnologias digitais podem ser influenciados positivamente em sua aprendizagem, pois permite o desenvolvimento da autonomia e conhecimento suficiente para realização de inúmeras tarefas, como organização, planejamento, divisão e escolha de atividades. Essas atividades podem ser inúmeras e o próprio aluno pode ser instigado a decidir quais os melhores programas e/ou aplicativos que irão auxiliá-lo na aquisição de uma segunda língua.

A língua, por ser viva, agrega aos textos verbais e não verbais novas linguagens e interpretações. Zacharias (2016) menciona que o letramento digital parte do pluralismo, que exige a apropriação das tecnologias e suas funcionalidades, bem como o desenvolvimento de habilidades para produzir associações e compreensões nos espaços multimidiáticos, em concordância com Vizentin definindo que o:

[...] sujeito letrado seria aquele que, além de saber ler e escrever tem domínio da tecnologia da escrita e da leitura, ele se apropria desse conhecimento, tendo a capacidade de fazer relações com as informações do texto, falado ou escrito, e vinculá-los à sua realidade seja social, política ou histórica. O Letramento permite a participação efetiva, na tomada de decisões, como cidadão, nos destinos da sociedade que vivemos (VIZENTIN, 2016, p. 15).

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



Lawless e Schrader (2008, p. 269) dizem que “a navegação efetiva nos ambientes virtuais requer que os usuários saibam onde estão, onde precisam ir, como chegar lá e quando eles chegaram”, mas para que isso aconteça, este usuário deve ser instigado ao desenvolvimento de sua autonomia nas tomadas de decisões em consonância com a aprendizagem de LI, no qual desponta a comunicação em rede, onde a leitura e a escrita ganham cada vez mais a dimensão virtual.

Veremos a seguir como este usuário pode desenvolver sua autonomia diante da sua aprendizagem da língua.

3. AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

O dicionário da língua portuguesa, comentado pelo professor Pasquale (2009, p. 91), define autonomia como “qualidade ou estado de autônomo, liberdade moral ou intelectual”, ou seja, capacidade de um indivíduo tomar suas próprias decisões com relação a qualquer coisa. Em outras palavras, “um aluno autônomo sabe que tem um papel ativo a cumprir em seu processo de aprendizagem” (MICCOLI, 2010, p. 32). Acreditamos que essa conscientização é um passo de suma importância em todos os níveis da educação, pois é por meio dela que o aprendiz poderá traçar caminhos que lhe levarão ao sucesso efetivo. Ainda sobre esse ponto, observamos que:

Assim como o conceito de ensino de língua mudou para centrar-se no desenvolvimento de habilidades no aluno que lhe permitam o uso da língua estrangeira para comunicação, o conceito de aprendizagem também mudou. O aluno não é mais visto como um recipiente vazio que deve ser preenchido de conhecimentos, mas como um ser ativo que deve ser capaz de utilizar criativamente esses conhecimentos (MICCOLI, 2010 b., p. 33).

Aquela ideia de que o aluno é apenas receptor do conhecimento já está defasada, pois a autonomia já é defendida por grandes estudiosos há mais de três décadas, dentre eles Paulo Freire. O aluno não pode mais enraizar o conceito de que só se aprende uma língua pagando cursos caros ou dependendo exclusivamente de aulas presenciais com professores. Ser autônomo é justamente fazer com que esse aluno se desprenda de pensamentos arcaicos, primitivos, que por muito tempo prevaleceu nas salas de aulas e conseqüentemente dentro do pensamento humano. Paulo Freire já dizia:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é



transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 12).

Ensinar é muito mais que repassar o que se aprendeu, mas propiciar novos caminhos a estes estudantes, para que não se tornem dependentes do sistema de ensino. Paiva (2010) defende que esta capacidade é um dever exclusivo do aprendiz, somente ele pode tomar decisões autônomas que lhe garantam sucesso a todas as suas necessidades, desenvolvendo desta forma habilidades que complementem seus estudos. Cada aluno possui um estilo de aprendizagem diferente e é exatamente isso que vai diversificar a forma com que se aprende, buscando ferramentas distintas, sejam com leitura, vídeos, jogos, redes sociais, escrita, filmes, músicas dentre tantas outras formas.

O professor também tem um grande papel nesta estimulação da autonomia, já que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12). Nesse caso estamos falando de uma troca de experiências entre docentes e discentes, embora a prática da autonomia não seja uma etapa tão simples, requer alguns estímulos para que o aluno possa alcançar bons resultados, “é que desenvolver autonomia dá trabalho”, como enfatiza Miccoli (2010, p. 33), visto que esse processo é gradativo, como continua a autora:

Como tudo isso é muito novo para o aluno, que está acostumado com salas de aula ainda muito tradicionais, o professor deve entender sua resistência e não pressioná-lo demais para mudar. Isso só gerará mais resistência. A autonomia deve ser promovida aos poucos através de tarefas e projetos que promovam progressivamente esse novo estilo de aprendizagem (MICCOLI, 2010, p. 33-34).

E como uma forma de sanar esta problemática, Miccolli (2010, p. 32) defende que “o professor deve trabalhar para desenvolver nos alunos habilidades que lhe permitam entender o inglês que os rodeia ao ligar o rádio ou a televisão...”, em outras palavras, isso significa dizer que estamos cercados de expressões e palavras internacionalizadas da língua inglesa, mesmo que um indivíduo não saiba seu real significado, estamos sempre rodeados por ela. Além disso, há uma influência muito grande por parte do capitalismo mundial, o que nos “obriga” a interagir com a LI, seja quando vamos ao *shopping* fazer compras, ou até mesmo quando compramos um aparelho eletrônico.

Mostrar a realidade da língua inglesa inserida no nosso cotidiano é uma das formas de incentivar este aluno a aprender de forma prazerosa, visto que “acreditar que o aluno aprenderá tudo o que precisa para expressar-se bem em uma língua estrangeira em sala de aula é impossível” (MICCOLI, 2010, p. 34), ou seja, ele precisa ser instigado a ir além das quatro paredes, daí a relevância de se estimular a autonomia, para que ele possa ampliar sua fonte de conhecimento.



Aprender outro idioma requer um longo período de dedicação, estratégias e objetivos a serem cumpridos.

4. APLICATIVOS MÓVEIS

Os aplicativos móveis, também conhecidos como *apps*, são *softwares*, ou seja, programas desenvolvidos com uma linguagem específica (códigos) para serem instalados em equipamentos eletrônicos portáteis como *smartphones*, *notebooks*, *tablets* entre outros, a fim de realizar um objetivo específico. “Portanto, entende-se que aplicativos são programas que têm propósitos de oferecer aos seus usuários tarefas variadas e específicas e estão sempre associados aos desejos e objetivos de quem os usam” (BORGES, 2016, p. 135).

A lista de *apps* tem crescido significativamente, pois atualmente são desenvolvidos programas para atender variadas necessidades, que vão desde deficientes visuais e auditivos à simples jogos que visam o entretenimento. Todos esses aplicativos podem ser instalados em um único lugar: no *smartphone*, que tem trazido consigo uma gama de atividades possíveis, voltados inclusive à aprendizagem de línguas, como menciona Mesquita:

[...] com a evolução da tecnologia móvel dos aparelhos celulares (*smartphones*), um número grande de aplicativos para a aprendizagem de línguas foi disponibilizado em lojas virtuais. Os celulares estão incorporados em nossas atividades diárias e sua inserção na Educação foi inevitável, criando oportunidades para apoiar as atividades de ensino e aprendizagem em sala de aula e fora dela (MESQUITA, 2018, p. 16).

A importância de se trabalhar os aplicativos móveis dentro e/ou fora da sala de aula, segundo Corrêa (2014, p. 3) é porque “a postura dos alunos se torna mais engajada e se sentem mais motivados, pois estão utilizando uma tecnologia atual que faz parte do seu dia a dia e pode ser personalizada de acordo com as suas necessidades”. Esse livre acesso proporciona um melhor desempenho e rapidez não só durante as aulas de inglês, mas também fora dela, como podemos analisar a seguir:

É importante neste processo dinâmico de aprender pesquisando, utilizar todos os recursos, todas as técnicas possíveis por cada professor, por cada instituição, por cada classe: integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, a escrita com o audiovisual, o texto sequencial com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual (MORAN, 2000, p. 137-144).

É natural encontrar dentro dos ambientes escolares alunos conectados a *Internet* o tempo todo, exatamente por isso que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE,



1996, p. 13), pois acreditamos que o professor deve ter competência e conhecimento de letramento digital para orientar esse aprendiz a utilizar aplicativos e acessórios que complementem sua aula. Com todo esse entrosamento entre as plataformas digitais e o meio em que vivemos, estamos a todo instante aprendendo a nos comunicar, ensinar, além de reaprender a conhecer o novo que surge constantemente.

Estão disponíveis na loja virtual do *Google Play Store*⁴ alguns *apps* que podem ser utilizados para aprendizagem de língua inglesa, como *Duolingo*⁵, *English Monstruo*⁶, *Sounds: The Pronunciation App*⁷, *Busuu*⁸, *Aba*⁹, *Babbel*¹⁰, aplicativos esses que trabalham as quatro habilidades da língua e já foram fontes de pesquisas. Dentre estas pesquisas, citamos aqui o trabalho de Mesquita (2018) e de Paiva (2013), intitulados respectivamente: *Aprendizagem de língua inglesa mediada por tecnologia: Aplicativos para Dispositivos Móveis*; *Aplicativos móveis para aprendizagem de língua inglesa*, onde concluíram em seus estudos a eficácia no uso desses *apps* a favor da aprendizagem de LI.

No primeiro estudo, a autora buscou investigar os três primeiros aplicativos supracitados que abordam o ensino da LI em diferentes abordagens, no qual teve como objetivo fazer uma revisão histórica desse ensino, bem como investigar a relação entre essas tecnologias digitais e a aplicabilidade dos dispositivos móveis voltados à aprendizagem da LI, com base em metodologia bibliográfica. Foram encontrados 212 *apps* na loja do *Play Store* como resultado de pesquisa, mas apenas esses três (*Duolingo*, *English Monstruo*, *Sounds: The Pronunciation App*) foram escolhidos como sendo efetivos na concretização das propostas.

No segundo estudo, a autora apresenta objetivos semelhantes, analisando a eficácia do uso de aplicativos na aprendizagem de LI, onde apresentou em sua metodologia 240 *apps* no *site* do *iTunes*¹¹ na categoria educação, elencando apenas quatro aplicativos como base de investigação, dentre eles *Duolingo*, *Busuu*, *Aba*, *Babbel*. O estudo concluiu que *Busuu* oferece o melhor material, mas *Duolingo* era o único inteiramente gratuito.

⁴ *Google Play Store* é um serviço de distribuição digital de aplicativos, jogos, filmes, programas de televisão, músicas e livros, desenvolvido e operado pela *Google*. Ela é a loja oficial de aplicativos para o sistema operacional *Android*, além de fornecer conteúdo digital.

⁵ <https://pt.duolingo.com/>

⁶ <http://englishmonstruo.cambridge.es/>

⁷ <http://www.macmillaneducationapps.com/soundspron/>

⁸ <https://www.busuu.com>

⁹ <https://www.abaenglish.com/pt/>

¹⁰ <https://pt.babbel.com/>

¹¹ Ver listagem completa em <https://itunes.apple.com/br/genre/ios-educacao/id6017?mt=8>

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



Aprender inglês se tornou prazeroso, prático e fácil justamente pela disponibilidade de aplicativos já mencionados anteriormente, contudo pode haver alunos resistentes a essas plataformas, como menciona Souza:

Em tempos de alunos da Geração Digital, ou seja, educandos nativos digitais que fazem uso constante de ferramentas tecnológicas diversas, estabelecendo múltiplas interações comunicativas, assimilando informações rapidamente, em um mundo cada vez mais dinâmico e interativo, percebe-se que um número considerável de alunos conhece as tecnologias que lhes permitem pesquisar, comunicar-se e publicar, mas nem sempre o fazem com propósitos de autoaprendizagem. Por essa razão, acreditamos que o professor tem um papel essencial, pois ele deve indicar a rota do conhecimento, auxiliando na problematização de situações, fomentando interrogações a partir da disponibilização de diversos dados em redes de conexão, tornando-se, assim, mediador de grupos de trabalho educacional (SOUZA, 2015, p. 40).

Existem inúmeros aplicativos com suas particularidades, que se torna até difícil de escolher qual faremos o *download*. Vivemos em uma era avançada, embora recente, onde utilizamos aplicativos que vão desde o ramo da aprendizagem até à locomoção pessoal. Acreditamos que a utilização de *apps* pode favorecer o desenvolvimento da autonomia e sucesso no alcance de objetivos dos alunos na aprendizagem da língua inglesa, visto que sua eficácia dependerá da atitude desses estudantes, ou seja, de suas responsabilidades sobre a sua aprendizagem e o que ele pode fazer para dar iniciativas autônomas diante da língua alvo.

Apresentamos na próxima seção a metodologia deste trabalho, buscando informar o tipo de pesquisa realizada, a justificativa, os participantes, os instrumentos de pesquisa e como os dados foram coletados e analisados.

5. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é identificar como os aplicativos móveis auxiliam no desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa como forma de complementar o ensino na sala de aula. Para tanto, esta pesquisa se caracteriza em um estudo de caso de abordagem qualitativa. Para Yin (2001, p. 32.) “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Como justificativa, acreditamos que os aplicativos móveis podem ser importantes ferramentas como complemento na aprendizagem de LI. Sendo assim, como observadores de algumas aulas durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Cursos Livres (disciplina da UFPA), no 2º período RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



de 2019, percebemos que os alunos estudam mais por aplicativos móveis do que especificamente por meio de livros didáticos, o que nos motivou a realizar esta pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), campus universitário do Marajó-Soure. Foram selecionados dois alunos do curso de Letras – Licenciatura em Língua Inglesa, que estavam participando da disciplina de Curso Livre supracitado. Os alunos foram escolhidos para participar da pesquisa porque observamos que eles estavam utilizando com frequência seus *smartphones* durante o curso, o que nos chamou atenção.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram, em primeiro lugar, um termo de consentimento de participação de pesquisa, o qual foi devidamente lido e assinado pelos participantes selecionados, onde informava o objetivo da pesquisa e pedia dados pessoais dos participantes. Nesta ocasião, os participantes escolherem seus pseudônimos para citações neste trabalho, que são respectivamente: Miles e Leal007. O segundo instrumento utilizado foi uma entrevista individual, gravada com o uso de um celular dos próprios pesquisadores a fim de coletar os dados.

Como procedimentos desta pesquisa, partimos de pesquisa e estudos de pressupostos teóricos, lemos e analisamos informações a respeito do letramento digital, autonomia na aprendizagem de língua inglesa e aplicativos móveis, a fim de obtermos conhecimento aprofundado sobre o tema. Em seguida, para a obtenção de dados, marcamos previamente com os alunos selecionados um local e horário adequado para as entrevistas. Posteriormente a isso, nos lançamos mão de escutar as gravações das entrevistas várias vezes, onde pudemos identificar os pontos principais de opiniões de como a aprendizagem de LI é desenvolvida por meio da utilização de aplicativos móveis e como estes auxiliam na autonomia destes participantes. Partindo disso, iniciamos a análise dos dados.

Na sequência apresentamos esta análise dos dados, que foram coletados pelos participantes e as respectivas discussões.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A primeira pergunta da entrevista feita foi “Qual tipo de dispositivo móvel você possui (*tablete, smartphone etc..*)?”. Ambos os participantes responderam que possuíam um *smartphone*.

A segunda pergunta foi “Com qual frequência você utiliza a *Internet* no dispositivo móvel?”. A resposta de ambos foi que utilizavam todos os dias. Isso nos mostra que os dispositivos móveis conectados à *Internet* se tornaram tão comuns para a vida do ser humano que às vezes nem



percebemos o quanto estamos dependentes deles. Concordamos, assim, quando (ZACHARIAS, 2016, p. 23) diz que “a expansão das tecnologias da informação e comunicação vem transformando a vida em sociedade e alterando nossa relação com os textos” e isso se confirma quando temos este resultado, quando os participantes afirmam que utilizam todos os dias a *Internet* no dispositivo móvel. Além disso, temos a percepção de que estes alunos estão rodeados pelo mundo tecnológico e fazem praticamente qualquer tarefa por meio destas ferramentas, onde requer deles habilidades específicas para manusear corretamente suas várias opções e requer deles competências de leitura de textos multimodais e hipertextos diversos neste ambiente.

A terceira pergunta foi “Você costuma utilizar-se da *Internet* para estudar? De que forma?”. O participante Miles respondeu “Sim. Para fazer pesquisas, complementar os estudos, tirar dúvidas. Com relação à pronúncia do inglês, aprender melhor a língua e treinar o vocabulário.” A participante Leal007 respondeu “Sim. Para fazer pesquisas de trabalhos. Estudar inglês e outras disciplinas”. Por meio destes dados, podemos dizer que, embora tenhamos acesso aos livros didáticos na sala de aula, a *Internet* é vista como um ambiente mais procurado pelos participantes para a realização de pesquisas e trabalhos, devido a praticidade de se encontrar com rapidez todos os assuntos que se deseja. De acordo com Moran (2000, p. 137-144), “é importante neste processo dinâmico de aprender pesquisando, utilizar todos os recursos, todas as técnicas possíveis”, e como estamos tratando de provavelmente alunos letrados digitalmente, eles já chegam no contexto universitário sabendo destes conhecimentos e dentro dele só ganham mais conhecimentos e experiências, quando requer dele atividades diversas, seja para pesquisas na elaboração de trabalhos acadêmicos, seja para estudar por conta própria. Ademais, começamos a perceber que estes participantes possuem atitudes próprias para realizar tais tarefas, demonstrando fatores de autonomia na aprendizagem da língua, como mencionado por Miles quando diz “complementar os estudos” e “aprender melhor a língua”. Neste caso, o participante tem consciência da necessidade de ir buscar conhecimentos fora da sala de aula ou em contextos digitais, ou seja, este agente sabe seu papel na aprendizagem de língua e vê neste contexto várias possibilidades para enriquecer e complementar seus estudos da sala de aula. A autonomia começa quando este aluno enxerga as várias possibilidades de aprender e começa a ter atitudes, ações para melhor aprender a língua estrangeira.

A quarta pergunta foi “Você utiliza o dispositivo móvel mais para qual função? (estudar, entreter, descontrair, conversar com amigos). Explique o porquê”. O participante Miles respondeu “Antes eu usava mais para conversas aleatórias, ficar nas redes sociais. Mas agora eu uso muito para estudar e assistir séries”. A participante Leal007 respondeu “Conversar com amigos e estudar. Porque

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



é o meio mais fácil que tem hoje para acrescentar assuntos, conversar com amigos e se manter informado”. É notável que muitas pessoas vejam o dispositivo móvel como um aparelho de entretenimento e não estão erradas, no entanto, vemos cada dia mais pessoas utilizando do mesmo para fazer progresso acadêmico e profissional, como citado por Miles. Com o aumento de aplicativos destinados para aprendizagem, vemos cada vez mais pessoas migrando seu foco realmente para esse fim, de aprender. Mas vimos que antes de utilizar para aprendizagem, o participante Miles utilizava os aplicativos móveis para conversas aleatórias na *Internet*. Então, embora os alunos conheçam as tecnologias em pró da sua aprendizagem, nem sempre fazem uso das mesmas para esse fim (SOUZA, 2015). Acreditamos que as pessoas têm se mostrado mais interessadas em ir atrás do que podem fazer com os dispositivos móveis e não estão somente aguardando as informações chegarem até elas. No caso dos participantes, isso nos lembra de que “um aluno autônomo sabe que tem um papel ativo a cumprir em seu processo de aprendizagem” (MICCOLI, 2010 p. 32), o que nos remota mais uma vez a consciência e atitude em ir buscar conhecimentos para a sua própria aprendizagem da língua.

A quinta pergunta foi “Você já utilizou algum aplicativo móvel para estudar? Se sim, qual?”. Miles respondeu “Sim, usei o *Duolingo*, *Google* e outros”. Leal007 respondeu “Sim. *Duolingo*, *Fonetic lips* e *Google*”. Percebemos nestes relatos de que os aplicativos buscados e citados pelos participantes, com o objetivo de aprender inglês, são os que oferecem utilização grátis. No entanto, outros aplicativos existentes que também possuem o objetivo de aprender uma língua, começaram com utilização gratuita, mas agora cobram algum valor, caso se deseje aumentar o nível de aprendizagem ou ter outras opções melhores, como, por exemplo, o *Duolingo*, que já foi inteiramente grátis, mas hoje cobra para se avançar de níveis de suas atividades realizadas pelos usuários. Neste sentido, retomamos o que Mesquita (2018, p. 16) menciona que “os celulares estão incorporados em nossas atividades diárias e sua inserção na educação foi inevitável, criando oportunidades para apoiar as atividades de ensino e aprendizagem em sala de aula e fora dela”, ou seja, estas ferramentas estão em nosso cotidiano como instrumentos facilitadores de aprendizagem da língua alvo e umas destas facilidades está na mobilidade delas por meio dos aplicativos móveis, que podem ser usados tanto dentro quanto fora do contexto acadêmico.

A sexta pergunta foi “Você acha que seria mais fácil aprender por meio de aplicativos ou por meio de livros didáticos?”. Miles respondeu “Com os aplicativos porque acho que é bem mais prático. O livro muitas vezes mostra uma metodologia muito monótona, mas hoje em dia tá todo mundo acostumado com metodologias que inovam.” Leal007 respondeu “Com aplicativos. Você pode andar com os assuntos por meio dos aplicativos sem medo de perdê-los”. Voltamos aqui a relembrar a RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



facilidade da utilização dos dispositivos móveis por questão de mobilidade, visto que se podem levar milhares de livros dentro do dispositivo, bem como diversos artigos e assuntos contidos neles. Notamos também algo de suma importância no aprendizado de LI por meio de dispositivos móveis, que é a forma divertida e interativa que são repassadas as lições, deixando, assim, o aluno motivado para aprender a língua alvo.

A sétima pergunta foi “Você acha melhor estudar por longas horas ou por alguns minutos, por meio dos aplicativos móveis desenvolvidos para a aprendizagem de idiomas? Explique”. Miles respondeu “Por poucos minutos. Para exercitar e não esquecer. O resto tem que aprender nas aulas mesmo”. Leal007 respondeu “Por poucos minutos. Porque se estudar longas horas vamos ficar cansados e vamos perder a concentração”. Notamos que Miles acredita que nem tudo se pode aprender com os aplicativos, pois ele acredita que seu aprendizado não será 100% por meio deles. Segundo Miccoli (2010, p. 34), “acreditar que o aluno aprenderá tudo o que precisa para expressar-se bem em uma língua estrangeira em sala de aula é impossível”, ou seja, há a necessidade de haver uma compensação, ou um complemento, entre as aulas presenciais e estudos fora da sala de aula como complementos delas. Observamos que um diferencial encontrado em muitos aplicativos de aprendizagem é que eles proporcionam lições que duram até mesmo 5 minutos ou menos. Isso facilita para aquelas pessoas que estão sempre muito ocupadas ou quando tem uma pausa no trabalho ou alguma tarefa pessoal, podendo realizar essas lições. Outro ponto importante são as notificações que esses aplicativos enviam a seus usuários, lembrando os mesmos que devem continuar suas lições diariamente. Muitos aplicativos oferecem um termo de compromisso de estudo onde os usuários informam quanto tempo por dia eles disponibilizam para estudar.

A oitava pergunta foi “Você se sente um aprendiz autônomo quando estuda a língua por meio dos aplicativos? De que forma?”. Miles respondeu “Sim. Acho que porque tu estando sozinho com o aplicativo fazendo as atividades é um meio que tu consegue se concentrar melhor pra desenvolver aquilo se você já sabe e arriscar aquilo que você não sabe com os aplicativos, no decorrer das lições”. Leal007 respondeu “Sim. Porque você vai estar ali, tu e teu aplicativo. Você vai ter que desenvolver uma maneira de aprender com aquele aplicativo. Então já vai ser uma autonomia a mais”. É interessante percebermos que os participantes associam a autonomia a estar sozinho, sem o auxílio do professor. No entanto, ambos demonstram confiança ao utilizar aplicativos de aprendizagem como forma de autonomia para seu desenvolvimento acadêmico. De acordo com Miccoli (2010, p. 32) “um aluno autônomo sabe que tem um papel ativo a cumprir em seu processo de aprendizagem”. Quando o aluno reconhece o seu papel, quando sabe o que tem de fazer para se tornar cada vez mais eficiente

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



na língua que está aprendendo, isso torna mais fácil o seu aprendizado, pois o mesmo vai buscar o que ele necessita, e não perderá tempo com o que não lhe será benéfico. Pode-se dizer que o aluno “não golpeará o ar, mas dará golpes precisos”.

A nona pergunta foi “O seu professor na sala de aula incentiva você e sua turma a utilizar aplicativos móveis para a aprendizagem da língua? De que forma?”. Miles respondeu “Sim, ele indica qual aplicativo ele usa pra aprender algumas coisas e assim mostra de que forma é eficaz aquele aplicativo em tal área”. Leal 007 respondeu “Sim. Ele sempre descreve link, como baixar, sempre dá uma maneira pra estudarmos melhor, ele fala de aplicativos de aprendizagem. Ele ensina como usar”. Vemos que a participação do professor em incentivar a autonomia dos alunos é muito importante, visto que os mesmos têm o tem como exemplo, Quando ele mostra aos participantes como se utilizar algum aplicativo para aprendizagem, isso os encoraja a buscarem a aprender de diversas formas e não somente em sala de aula, por que eles veem que seu professor também se utiliza desses aplicativos. Sendo assim, acreditamos que o papel do agente professor é de auxiliar seu aluno no caminho para a autonomia sem trilhar o caminho por ele e principalmente como agente motivador de aprendizagem. Estimular os alunos pode exigir tempo e determinação, mas o resultado pode ser satisfatório. Quando o professor mostra o leque de oportunidades para eles, todos se sentem envolvidos e motivados a aprender. O que pode não agrada a um, pode agradar a outro. Dessa forma, acreditamos que o professor consegue atingir todos os seus alunos para uma aprendizagem satisfatória, a fim de estimular o processo de autonomia na aprendizagem da língua alvo. Além disso, concordamos quando Miccolli (2010, p. 32) menciona que “o professor deve trabalhar para desenvolver nos alunos habilidades que lhe permitam entender o inglês que os rodeia”, e uma destas formas é mostrando a eles quais aplicativos móveis podem ser indicados para estudos, quais seus objetivos, como eles funcionam e como ele pode aplicar uma aula por meio deles.

A décima pergunta foi “De que forma a aprendizagem da língua por meio de *apps* lhe auxilia? Explique”. Miles respondeu “Os aplicativos são como professores quando eles não estão perto da gente na sala de aula. Os aplicativos ensinam muita coisa que a gente deveria estar atento nas quatro habilidades. É um suporte muito grande”. Leal 007 respondeu “Em tudo. Pronúncia, na maneira de escrever, como se expressar e etc. Quando temos uma dúvida, corremos lá”. Podemos ver que os participantes possuem total confiança nos aplicativos móveis para a aprendizagem, chegando ao ponto de compará-los com os próprios professores. Isso é explicado quando Souza (2015, p. 40) diz que “alunos da Geração Digital, ou seja, educandos nativos digitais” utilizam estas ferramentas diversas constantemente, “estabelecendo múltiplas interações comunicativas, assimilando RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n..9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



informações rapidamente, em um mundo cada vez mais dinâmico e interativo”, pois não se depende do professor da sala de aula para aprender, mas existe uma busca em possuir conhecimentos extras que extrapolam este ambiente físico, permitindo até ter o pensamento de que estes aplicativos móveis podem substituir o professor na sala de aula, como mencionado por Miles. Sendo assim, quando temos a disposição de *smartphone*, *Internet* e letramento digital, tudo se torna mais fácil para aprender.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou responder algumas questões relacionadas ao uso de aplicativos móveis voltados para a estimulação da autonomia na aprendizagem de língua inglesa, e como os *smartphones* podem ser ótimas ferramentas neste processo, já que passaram a serem objetos multifuncionais indispensáveis no cotidiano das pessoas. Dentre essas questões, pudemos analisar o perfil do aluno de uma universidade pública federal do interior do estado do Pará e observar como o incentivo do professor é importante para despertar a autonomia do mesmo, fazendo-o procurar suportes que melhor lhe auxiliem dentro e fora desse ambiente acadêmico.

Com base deste trabalho e pela observação realizada, atualmente algumas pessoas possuem um *smartphone* conectado à *Internet* na maior parte do tempo, em especial, alunos de graduação também, tanto para interação nas redes sociais quanto para aprendizagem de LE. Isso é explicado pelo fato de que os aplicativos móveis, por estarem sempre na palma da mão, facilitam os estudos e oferecem praticidade e consulta a qualquer hora, como descrito pelos entrevistados.

Embora os *apps* sejam práticos e consigam trabalhar, em sua maioria, as quatro habilidades da língua, eles não substituem a presença do professor. A tecnologia e a sala de aula trabalham em conjunto, onde um complementa o outro, trazendo bons resultados aos que desejam de fato aprender uma língua estrangeira. Este ambiente digital facilita a vida que quem ensina e de quem aprende, tanto que os alunos preferem estudar por meio de aplicativos e pesquisas feitas na *Internet* e não por meio de livros, por apresentar mais rapidez, interatividade e mobilidade.

Os participantes desta pesquisa mostraram ter domínio no uso de aplicativos como *Duolingo* e *Fonetic lips*, por exemplo, ao enfatizarem sua eficácia na hora de tirar pequenas dúvidas com relação à pronúncia, escrita, significado etc. Vários estudos têm mostrado a evolução da tecnologia e sua contribuição na vida social, atingindo diversas áreas do conhecimento, e acreditamos que este assunto só tem a se expandir cada vez mais, visto que o novo surge a cada dia. Por isso, por mais que esta



pesquisa se baseou em dados de dois participantes, acreditamos que isso não a invalida, mas são os primeiros passos para que possamos expandir novos conhecimentos e novos resultados por meio de outras pesquisas futuras a partir dela, com mais participantes e contextos diferentes, enxergando, assim, uma possível visão holística de como os aplicativos móveis podem ajudar alunos a desenvolverem autonomia na aprendizagem de línguas.

Acreditamos que não devemos ver os aplicativos como única fonte de aprendizagem, mas sim como um suporte de aprendizagem. Podemos utilizá-los como ferramentas para tirar dúvidas em algum assunto específico, como problemas de estruturas ou vocabulário da língua alvo. Ademais, acreditamos que estes aplicativos móveis auxiliam e estimulam a autonomia na aprendizagem de língua inglesa e eles trazem muitos benefícios para o desenvolvimento dela de várias formas.

REFERÊNCIAS

BORGES, Kleiton de Souza. O aprimoramento da aquisição de vocabulário de alunos de língua inglesa através do uso de aplicativos. **Revista A Palavra**. n. 10, jul./dez., 2016, p. 131-151. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_D1XqDkxH3PVW1panFBOWJLZW8/view. Acesso em: 01 fev. 2019.

CORRÊA, Márcia Cristina da Silva. Mobile Learning: o uso de dispositivos móveis no ensino de língua inglesa. **Anais Eletrônicos do 6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aprendizagem aberta e invertida, 2015. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/Mobile%20Learning.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo, Paz e terra: 1996.

LAWLESS, K. A.; SCHRADER, P. G. Where do we go now? Understanding Research on Navigation in Complex Digital Environments. In: COIRO, J.; KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C.; LEU, D. **Handbook of Research on New Literacies**. Nova York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008, p. 269.

MESQUITA, Sandra Valéria Dalbello de. **Aprendizagem de Língua Inglesa Mediada Por Tecnologia: Aplicativos para Dispositivos Móveis**. Universidade Norte do Paraná - UNOPAR. Londrina, 2018.

MICCOLI, Laura. **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia: Autonomia na aprendizagem de língua inglesa**. 3. Ed. – Campinas. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

MORAN, José Manuel. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1, Set. 2000. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069



PASQUALE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Barueri, SP: Gold Editora, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira. **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. 3. Ed. – Campinas. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira. **Aplicativos móveis para aprendizagem de língua inglesa**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2013.

ROSA, F.R.; DIAS, M.C.N. **Por um indicador de letramento digital**: uma abordagem sobre competências e habilidades em TICs. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2012.

SOUZA, Carlos Fabiano de. **Aprendizagem sem distância**: tecnologia digital móvel no ensino de língua inglesa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), 2015.

VIZENTIN, Cristiane. **A importância do letramento digital na escola e na sociedade e os seus diferentes conceitos**. Universidade Federal de Santa Catarina – USFC. Florianópolis, 2016.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Tecnologias para aprender**. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

RIBEIRO, Elinayara Jovelina da Silva; BORGES, Kleiton de Souza; GONÇALVES, Manoel Jaci da Silva. Aplicativos móveis e o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: *Revista Falas Breves*, n.9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069